

JOÃO TABARRA

Narrativa Interior
Inner Narrative

JOÃO TABARRA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



João Tabarra, *True Lies and Alibis-Marche Solitaire*, 1999
Col. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Narrativa Interior

Inner Narrative



13 de fevereiro a 18 de maio de 2014

CAM - Galeria 1 e Galeria -1

13 February to 18 May 2014

CAM - Gallery 1 and Gallery -1

A exposição *Narrativa Interior* de João Tabarra (Lisboa, 1966) abrange trabalhos realizados ao longo dos últimos vinte anos, nos quais o artista desenvolve uma investigação sobre o uso, o poder e as possibilidades históricas da imagem.

Com recurso a uma linguagem poética e uma disposição cinematográfica, a exposição é também o lugar para uma reflexão crítica sobre o papel social do indivíduo, convidando-o a tornar pública a sua própria *narrativa interior*.

Esta é, talvez, a proposta mais arrojada, de vertente efectivamente política, que a arte pode lançar: convidar cada indivíduo a tomar um posicionamento crítico sobre o mundo em que habita, nele construindo a sua subjectividade. A subjectividade não existe circunscrita a si mesma, mas no confronto com os outros, na suspeita dos outros que «em mim reside um sujeito». É de resto o que mostra o reino das figuras insólitas de João Tabarra, através das quais, o artista propõe a existência de identidades paradoxais.

A ideia central da exposição, cuja montagem que não obedece à ordem cronológica, consiste em criar uma espécie de panorama cinematográfico, onde as personagens e seus enredos se desenrolam como num filme, através do qual o artista expressa as suas posições críticas em relação ao mundo actual. Afirmar essas posições pessoais, tornando-as públicas, equivale a elevá-las ao domínio político – *ágora*, no sentido grego – um cenário que pertence ou deveria pertencer a todos nós. Significa que, ao partilhar posições do foro privado, apresentando-as em imagens, o artista coloca o espectador em confronto com as mesmas, e permite que este se identifique com elas, percebendo que a experiência própria, a sua *narrativa interior*, pode conter uma dimensão política.

Seja através de uma linguagem poética ou *engagée*, as imagens de João Tabarra são construídas para gerar situações ambíguas e paradoxos, e sobretudo para abraçar uma atitude crítica, um espaço para o julgamento, que começa precisamente com o questionamento e inquietação interiores. Neste sentido, o poético e o político trabalham, lado a lado, na obra de João Tabarra, público e privado cruzam-se de modo imprevisível, sob um laivo de suspeição.

A exposição inicia-se no piso superior do CAM com *Portugueses na Europa* [1995], uma obra mordaz que retrata uma sociedade que emigrou para se desenvolver economicamente, o que, em termos culturais, não se efectivou na mesma proporção. Apesar de ser uma obra do início do percurso de João Tabarra, nela está presente uma preocupação social e um comentário crítico que acompanha a produção do autor, desde então.

Ao longo da exposição, e de diferentes modos, o artista vai colocando em causa a aparente facilidade do olhar, tal como é patente em *Ballata del Suicidio*, *Working Class Angels*. Para Pasolini [2007], na qual o artista faz uma homenagem ao cineasta italiano, explorando a ideia de que a luz em excesso pode cegar. Essa ideia, também não é alheia a *Strada*, *One of Us* [2004], onde o autor dá corpo a um pequeno ser nocturno – o pirilampo – que se arrisca a ser esmagado na via de circulação. A máquina fotográfica é descida em relação à altura do olho, para reforçar a posição indefesa do pequeno animal, mostrando



João Tabarra, *Portugueses na Europa*, 1995
Col. Igor DaCosta

que a fragilidade pode ser a melhor forma de alcançar algo que ele tanto procura: a sinceridade genuína. O artista, todo o artista, procurando colocar-se no lugar do *grande criador* ou simplesmente assumindo a sua condição perecível de homem, ambiciona partilhar com o mundo o mais nobre do seu ser e da sua produção, exigindo esse processo um enorme grau de dádiva e de desnudamento, por parte do autor.

Ao trabalhar a realidade a partir dos seus suportes e mecanismos de representação, os diversos campos artísticos inserem um *hiato* entre a arte e a vida – um *hiato* que é da ordem da ficção, da metáfora e até da ilusão. Neste intervalo, os protagonistas estão libertos do perigo real, bem como do juízo crítico, e por isso mesmo todas as simulações, paradoxos e ambiguidades são admissíveis. É desse modo que, no filme *Les Limites du Désert* [2010], o artista encarna o pastor, o náufrago, o botânico sem casa que vive entre as raízes de um dragoeiro centenário, entre outras personagens estranhas que habitam também elas paisagens e mundos inusitados. João Tabarra constrói, deste modo, um terreno limítrofe, numa projecção cinematográfica composta por vários capítulos onde se testam diferentes actuações, comportamentos e situações incomuns. A cada capítulo, ou seja, a cada fragmento da projecção, é atribuído um título individual, e o conjunto no seu todo mostra o estilhaçar de um mesmo *persona* em várias facetas. O início da projecção dá-se com *Degelo I*, fundamental para perceber todo o enredo, uma vez que nele se anuncia



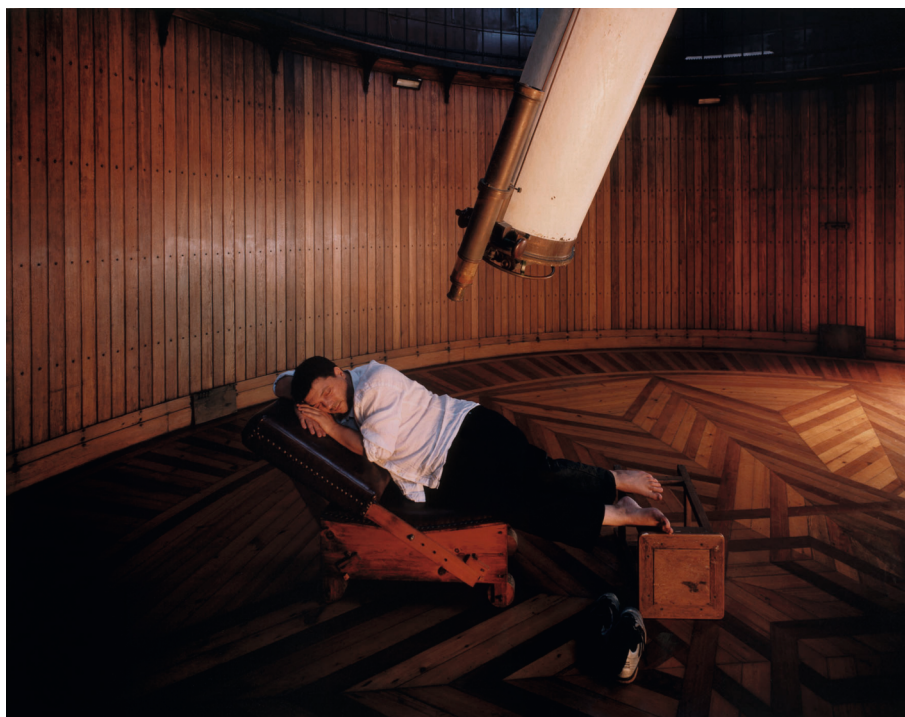
João Tabarra, *Strada, One of Us*, 2004

Col. do Artista | Collection of the artist e | and Galeria Filomena Soares



João Tabarra, *Strada, One of Us*, 2004

Col. Manuel dos Santos



João Tabarra, *O Sono do Astrônomo*, 2007
Col. Fundação Ilídio Pinho

um cosmos de onde as leis da física estão excluídas. O anúncio é transmitido através de um martelo e de uma pena (reais) que, apesar dos diferentes pesos e resistências à passagem da água, não se movem nem um milímetro. Estranho? Apresentando uma cosmologia bizarra, firma-se um território onde todas as situações, por mais grotescas ou risíveis que sejam, têm lugar. Elas são da ordem da pura representação e, nesta, um pequeníssimo bicho-de-conta enrolado sobre si mesmo, como uma esfera, pode personificar o planeta, enquanto o dedo humano, que provoca aquele enrolar e desenrolar vezes sem conta, assume a condição de instrumento de tortura, como em *História da Selva* [2010].

Embora recriem ambientes diferentes, as fotografias seguintes, *Drama* [2006], *O Sono do Astrônomo* [2007] e *Dernier Appel, flight 307B Depart. 17z08//22.50* [2004], estão unidas pela força de um tempo lento, recuado, de maturação. Para João Tabarra a investigação e a consistência que dela decorre parecem implicar, logo à partida, um uso dilatado do tempo. João Tabarra gasta tempo, perde tempo, faz uso do seu tempo, revisitando os seus mestres com o intuito de extrair o essencial das suas obras e procurar a dádiva que, também ele, pretende entregar ao próximo. Isso está plasmado em *Le Chercheur* [2004], onde o artista encarna um garimpeiro que, inglorio, capta ouro numa fonte urbana. A obra é o retrato de um resgatador de mundos perdidos, que se sente impotente e solitário na sua acção. Também em *SEA©* [2008], filme com 52 minutos de duração, o artista reflecte sobre o perigo de perda das raízes históricas e das âncoras intelectuais. Nele, contracenam com o



João Tabarra, *Le Chercheur*, 2004
Col. Manuel dos Santos

seu amigo, também artista, Javier Peñafiel, encontrando-se ambos de costas para a câmara e tendo como pano de fundo a linha do oceano. Sentados nas rochas, declamam os nomes de grandes pensadores – Homero, Santo Agostinho, Shakespeare, Cervantes, Joyce, Godard, Guy Debord, entre outros – atribuindo-os a cada vaga que passa, fazendo convergir o fluir do som e das imagens. Fazem uma última elegia às grandes referências intelectuais, como se as mesmas estivessem em risco de desaparecer, afundando-se mar adentro. Assim, o texto da obra problematiza de forma subversiva a cronologia histórica, questionando o que é contemporâneo de quê e mostrando que passado e presente coexistem em simultâneo.

À saída do piso superior da galeria, dispõem-se dois retratos, que embora construídos sob a égide da dissimulação, mostram, ainda assim, o artista que lhes empresta corpo. As duas imagens, *Auto-retrato* [1999] e *Pose, Maquillage, Pose* [2004], tendo sido feitas em períodos diferentes mas podendo funcionar como um par, figuram situações de impotência, em que fica patente o fracasso do disfarce. Elas parecem mostrar, tal como a obra *Confissão/Construção* [2003], que o artista não tem escolha. A única coisa que sabe, e pode, é viver, e viver intensamente, sem limites nem protecções.

A galeria inferior do CAM é dedicada maioritariamente às *fadas*, a personagem paradigmática, enigmática e andrógina que povoa o universo do artista. Elas trazem consigo um misto de fantasia e terror, típico do lado negro que acompanha os contos de fadas.

A fada que, no início, surge como uma espécie de protectora e guia espiritual, é a mesma que no final assassina o artista que a criou. Com seus intervalos e omissões, esta história materializada em fotografia, ao longo de uma década, ocupa um lugar especial na produção de João Tabarra por estar ligada aos confrontos interiores do artista, mas elevando a experiência individual, transformando esta em consciência o mais ampla possível. A consciencialização daí decorrente está relacionada com o auto-reconhecimento. Ao longo dos dez anos, as duas personagens (fada e artista) nunca interagem nas imagens. É na última série, no momento de verificação da presença de um pelo outro, que ambos morrem, e por uma razão simples: são apenas um só. O artista e a sua consciência. Este conjunto de obras convive com *Inner Landscape, ensaio cartográfico para uma narrativa*, realizada em 2013 especificamente para esta exposição, e que assume uma linguagem ímpar no contexto da sua produção. Composta por 108 imagens que formam sobre a parede da galeria um mosaico com cerca de seis metros de extensão e três de altura, consiste no registo minucioso de um bonsai. Com uma linguagem poética, a obra fala sobre o tempo lento e doloroso do crescimento: do bonsai, do artista e da produção da arte.

A disposição das obras no piso inferior do CAM também se estende quase simetricamente pela galeria, permitindo ao espectador acompanhar a colecção de vídeos produzidos pelo autor ao longo dos anos, nomeadamente, *The Moonwatcher's Defeat, Tornado* [2007] e *Atelier* [2007], vídeos que problematizam a figura do artista, enquanto criador, bem como, da sua capacidade para fazer os afastamentos necessários para se auto-criticar.

Nesta exposição antológica não podia ainda deixar de estar presente *Poço dos Murmúrios*, realizada em 2002, para a Bienal de São Paulo. No CAM a peça despe-se dos muros do seu poço para adquirir uma *espacialidade* ampla onde o espectador pode submergir. Sem resolver a ambiguidade *actor/espectador*, o artista permite que este tome uma posição, assumindo um papel no exercício crítico.


Para fechar esta visita, preste-se especial atenção à obra *Repérage Photographique 1*, que é também capa do catálogo. Desta obra, realizada em 2001, pode dizer-se ser o único auto-retrato efectivo de João Tabarra, apesar de o artista nela não se mostrar.

Se há algo que João Tabarra evidencia nesta exposição é que uma face, a aparência imediata de uma imagem, pode ser só uma máscara, e muitas vezes uma carapaça de protecção. O artista mostra que atrás de cada imagem se abre um universo vasto, uma *narrativa interior* – único retrato possível de alguém. A imagem é um muro transponível, um índice para pensar o mundo, uma porta de entrada para explorar os vários níveis da realidade e da acção: política, estética, social, económica, afectiva. Daí o poder histórico da imagem, que se esconde nos mundos que abre, na ressonância que por detrás dela se propaga e que nela se revela como uma dúvida interminável.

Não sabemos ao certo se aquela imagem se trata de um convite para saltar o muro ou para navegar entre a sublime paisagem de icebergs que se avista no horizonte. Arrisquemo-nos a entrar.

Sara Antónia Matos

(A autora não escreve segundo o acordo ortográfico.)

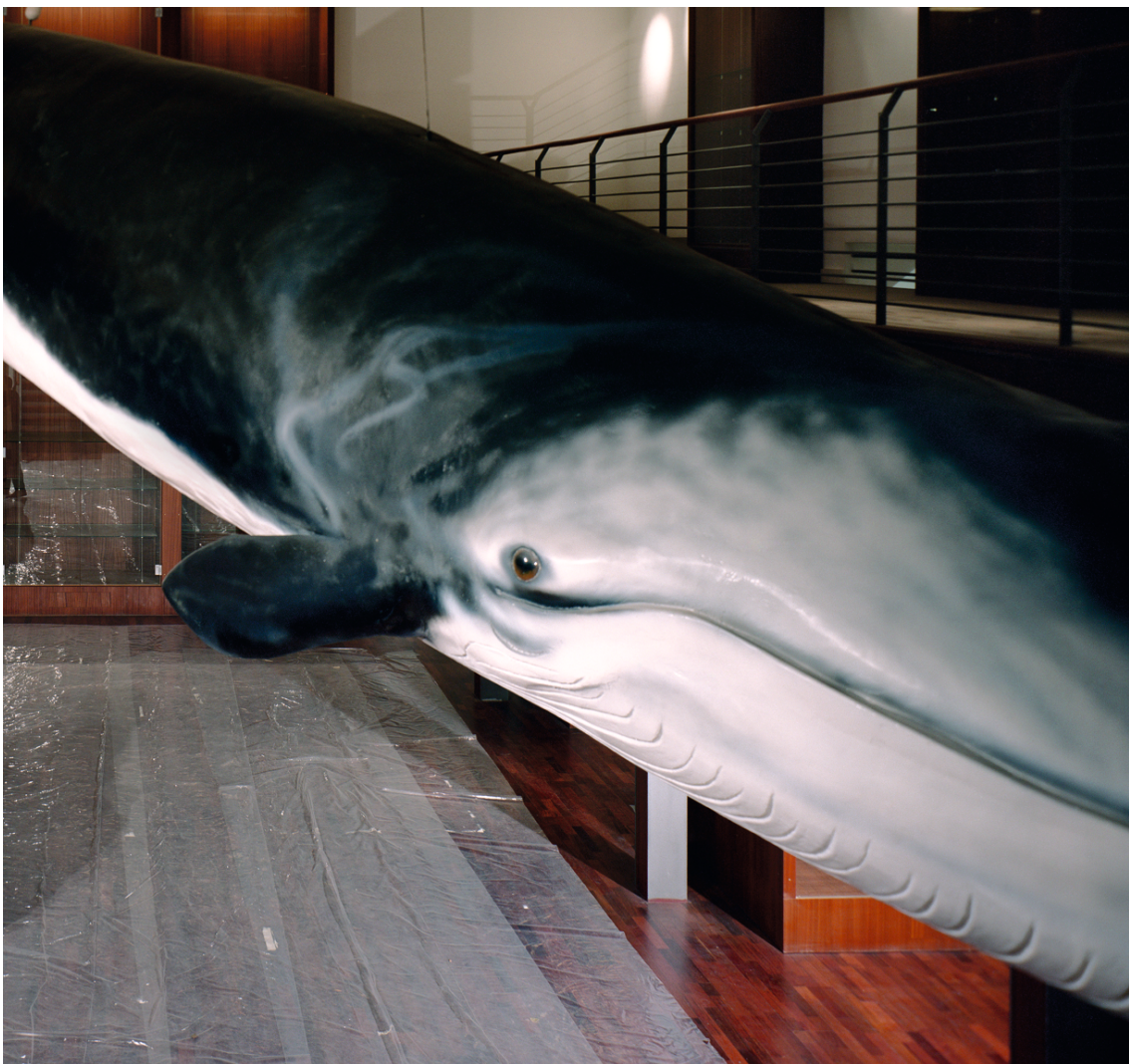


João Tabarra, *Allegretto Graziosa I*, 2008
Col. CAM - Fundação Calouste Gulbenkian





João Tabarra, *Dernier Appel, flight 307B Depart. 17z08//22.50, 2004*
Col. do Artista | Collection of the artist e | and Galeria Filomena Soares





João Tabarra, *Repérage Photographique I*, 2001
Col. Igor DaCosta

The exhibition *Inner Narrative* looks at works created over the past twenty years in which the artist investigates the use, power and historical possibilities of the image.

Employing a poetic language and a cinematographic layout, the exhibition is also the place in which to undertake a critical reflection on the social role played by the individual, who is invited to make public his or her own *inner narrative*.

This is perhaps the most daring and politically oriented proposal that art can effectively put forth: inviting each of us to take up a critical position on the world that we inhabit, constructing our subjectivity within it. Subjectivity is not limited to itself but exists in confronting others, in other people's suspicion that 'a subject resides in me'. It is subjectivity also that reveals the kingdom of João Tabarra's unlikely characters, through which the artist proposes the existence of paradoxical identities.

The central idea of the exhibition, which is not arranged in chronological order, consists of creating a kind of cinematographic panorama in which characters and their plots unfold as in a film through which the artist expresses critical positions on the current world. Affirming these personal positions, making them public, equates to raising them into the domain of politics – to the *ágora*, in the Greek sense – a setting that belongs or should belong to all of us. This means that, in sharing positions of a private nature, in presenting them in the form of images, the artist confronts spectators with them and allows them to identify with these positions, leading them to perceive that experience itself, their *inner narratives*, could contain a political dimension.

Whether the language that they employ is poetic or committed, João Tabarra's images are constructed in such a way as to generate ambiguous situations and paradoxes and particularly to embrace a critical attitude, a space for judgement, which begins precisely with inner questioning and disquiet. In this respect, the poetic and the political operate alongside each other in João Tabarra's work; the public and the private intersect in unpredictable ways under a stain of suspicion.

The exhibition begins on the upper floor of the CAM with *Portugueses na Europa* [1995], a biting work that depicts a society which emigrated in order to develop economically but failed to undergo an equivalent degree of cultural change. Despite being one of João Tabarra's earlier pieces, it already shows signs of the social concern and criticism that has characterised his output ever since.

In *Ballata del Suicidio, Working Class Angels. Para Pasolini* [2007], and throughout the exhibition, the artist uses a range of different modes to question the apparent ease of the act of seeing, in which the artist pays tribute to the Italian filmmaker, exploring the idea that excessive light can blind. This idea is also apparent in *Strada, One of Us* [2004], in which the artist embodies a small nocturnal creature – a firefly – which risks being crushed on the road. The camera is lowered in relation to the height of the eye to reinforce the defenceless position of the 'little animal', thereby revealing that fragility could be the best way of obtaining something that he so ardently seeks: genuine sincerity in seeking to occupy the place of the *great creator*, or in merely assuming the perishable condition of man, he and every

other artist aims to share the most noble aspects of his being and work with the world, a process which demands an enormous capacity for giving and exposure on the part of the artist.

By working on reality through its supports and mechanisms of representation, the various artistic fields insert a *hiatus* between art and life, a *hiatus* which is of the order of fiction, metaphor, and even illusion. In this gap, the protagonists are freed not only from real danger but also from critical judgement, making all simulations, paradoxes and ambiguities admissible. Thus, in the film *Les Limites du Désert* [2010], the artist embodies the shepherd, the castaway, and the homeless botanist who lives among the roots of an ancient dragon tree, as well as other strange characters who also inhabit unusual landscapes and worlds. João Tabarra thus constructs a liminal terrain through a cinematographic projection made up of several chapters in which different performances, behaviours and unusual situations are tested. Each chapter (that is, each fragment of the projection) is given an individual title, and the whole shows a single persona splintering into different facets. The projection begins with *Degelo I*, a chapter that is essential to understanding the entire plot as it announces the existence of a cosmos from which the laws of physics are absent. This announcement is transmitted through a (real) hammer and feather, which, despite having different weights and abilities to resist flowing water, do not move a millimetre. Strange? In presenting a bizarre cosmology, a territory is established in which all situations, however grotesque or laughable they may be, have a place. These situations are of the order of pure representation and in one of them a tiny curled up woodlouse, which might represent the planet, is made to curl up and uncurl countless times by a human finger, which, as in *História da Selva* [2010], assumes the condition of a torture instrument.

Although they recreate different environments, the next three photographs – *Drama* [2006], *O Sono do Astrónomo* [2007] and *Dernier Appel, flight 307B Depart. 17208//22.50* [2004] – are united by the force of a slow, secluded time of maturation. For João Tabarra, the investigation and consistency that stem from this force seem to involve a dilated use of time right from the start. João Tabarra spends, wastes and makes use of his time to revisit his masters with the aim of extracting the essence of their works and seeking the gift that he also aims to give to his neighbour. This is exemplified in *Le Chercheur* [2004], in which the artist plays the role of a gold panner who ingloriously finds gold in an urban stream. The work is a portrait of a rescuer of lost worlds who feels powerless and lonely as he goes about his business.

In the 52-minute film *SEA©* [2008], the artist also reflects on the danger of losing one's historical roots and intellectual anchors. The artist appears in the film with his friend and fellow artist Javier Peñafiel. Both men have their backs to the camera with the ocean horizon in the background. Sitting on the rocks, they declaim the names of great thinkers – Homer, Saint Augustine, Shakespeare, Cervantes, Joyce, Godard, and Guy Debord, among others – attributing each of them to a passing wave, causing the flow of sound and images to converge. They recite a final elegy to the great intellectual giants, as if they were at risk of

disappearing, sinking into the sea. Thus the text subversively questions historical chronology by examining what is contemporary with what and showing that the past and present simultaneously coexist.

On the way out of the upper floor of the gallery are two portraits which, although constructed under the aegis of dissimulation, depict the artist who is embodying them. The two images *Auto-retrato* [1999] and *Pose, Maquillage, Pose* [2004], which can function as a pair despite having been made in different periods, show situations of powerlessness in which the failure of the disguise is obvious. Like *Confissão/Construção* [2003], they appear to show that the artist has no choice. The only thing that he knows and can do is to live, and live intensely, without limits or safety nets.

The lower gallery of the CAM is largely devoted to fairies, those paradigmatic, enigmatic and androgynous characters that inhabit the artist's world, bringing with them a mixture of fantasy and terror that is typical of the dark side of fairy tales.

The fairy that appears as a sort of spiritual protector and guide at the start is the same one which kills the artist who created her at the end. With its gaps and omissions, this story told through the medium of photography over a decade occupies a special place in João Tabarra's work since it is linked to the artist's inner struggles but elevates individual experience by transforming it into the broadest possible form of consciousness. The ensuing raising of consciousness is related to self-recognition. Over the course of ten years, the two characters (fairy and artist) never interact in the images. It is in the last series, at the point when they become aware of each other's presence, that both die, and for a simple reason: they are a single being. The artist and his consciousness.

This series of works coexists with *Inner Landscape, ensaio cartográfico para uma narrativa*, a piece created specifically for this exhibition in 2013 which adopts a unique language in the context of the artist's oeuvre. Made up of 108 images that form a six-metre long and three-metre high mosaic on the wall of the gallery, it consists of a detailed depiction of a bonsai tree. Employing a poetic language, the work speaks of the slow and painful time of growth: that of the tree, that of the artist, and that of artistic production.

The arrangement of works on the lower floor of the CAM extends almost symmetrically around the gallery, allowing the spectator to follow the collection of videos produced by the artist over the years (*The Moonwatcher's Defeat, Tornado* [2007] and *Atelier* [2007]), all of which raise questions about the figure of the artist as a creator as well as his ability to establish the distance required for self-criticism.

An anthological exhibition of this kind could not leave out *Poço dos Murmúrios*, a work created in 2002 for the São Paulo Biennial. In the CAM, the walls of the well are taken away so that the piece acquires a broad *spatiality* in which the spectator can immerse him or herself. Without resolving the ambiguity inherent in the actor/spectator dichotomy, the artist allows the latter to adopt a position, assuming a role in the critical exercise. To complete this tour, particular attention should be paid to the work *Repérage Photographique 1*, which is also featured on the cover of the catalogue. Although he does

not appear in it, this work, which dates from 2001, could be said to be the only actual self-portrait of João Tabarra.

If João Tabarra demonstrates anything in this exhibition, it is that a face, the immediate appearance of an image, may only be a mask and is often a protective shell. The artist shows that behind each image a vast universe opens up, an *inner narrative* that is the only possible portrait of anyone. The image is a surmountable wall, a sign for thinking about the world, a door through which to explore the various levels of reality and action, be they political, aesthetic, social, economic or affective. Hence the historical power of the image, which is hidden in the worlds that it opens up, in the resonance propagated behind it, in which an endless doubt is revealed.

We do not know for certain whether we are being invited to jump over the wall or to navigate between the sublime landscape of icebergs that can be seen on the horizon. Let us take a chance and enter.

Sara Antónia Matos



João Tabarra, *Inner Landscape, ensaio cartográfico para uma narrativa*, 2013
Col. Américo Marques, Cascais

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Programação
Programming

Isabel Carlos

Curadoria
Curator

Sara Antónia Matos

Arquitetura e Coordenação Técnica
Architecture and Technical Co-ordination

Cristina Sena da Fonseca

Produção e Coordenação
Production and Co-ordination

Rita Lopes Ferreira

Assistente do Artista
Assistant to the Artist

Andreia Poças

Registrar

Rosário Ricardo

Secretariado
Assistants

Rosário Lourenço
Teresa Cartaxo

Equipa de Montagem
Construction Crew

Carlos Catarino
Carlos Gonçalves
José António Nunes de Oliveira

Design Gráfico
Graphic Design

Pedro Leitão

Instalação Gráfica
Graphic Installation

Paulo Santos

Serviços Centrais da FCG
Centralised Services of FCG

Audiovisuais
Audiovisual Materials

Clemente Cuba
Jorge Gonçalves
José Gouveia
Paulo Baía
Pedro Antunes
Tiago Jónatas

Luminotecnia
Lighting

Manuel Mileu

Transportes e Apoios Diversos
Transport and Other Services

Paulo Gregório

CAM - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa
Tel: 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas
Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisbon
Tel: +351 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am - 6pm

CATÁLOGO | CATALOGUE



João Tabarra

Narrativa Interior | Inner Narrative

CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2014

Texto de | Texts by

Sara Antónia Matos

Agnes Kohlmeyer

108pp. | €40

VISITAS | GALLERY TALKS

À CONVERSA COM O ARTISTA E A CURADORA
21 de fevereiro (sexta-feira) às 17h00

DOMINGOS COM ARTE
2 e 9 de março, 6 de abril
e 4 de maio (domingo) às 12h00
Visitas orientadas por Hugo Barata

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO
7 de março e 4 de abril (sexta-feira) às 13h15
Visitas orientadas por Hugo Barata

VISITA DEMONSTRAÇÃO –
ESPECIAL DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS
18 de maio (domingo) às 14h30
Visita orientada por Hugo Barata

Visitas para escolas e grupos organizados,
oficinas criativas para jovens e famílias
The education department provides group
gallery talks in English by appointment

Marcações | Booking / Informações | Informations

Descobrir – Programa Gulbenkian Educação
para a Cultura e Ciência

Tel. | Phone. +351 21 782 38 00

descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt

www.descobrir.gulbenkian.pt

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Co-ordination

Sara Antónia Matos e | and Patrícia Rosas

Texto | Text

Sara Antónia Matos

Tradução | Translation

Kennis Translations

Design | Graphic Design

Pedro Leitão

Impressão | Printing

Jorge Fernandes, Artes Gráficas Lda.

Depósito Legal | Legal Deposit

ISBN: 978-972-635-281-5

Fevereiro 2014 | February 2014



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



VISITE A COLEÇÃO DO CAM EM
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT

www.cam.gulbenkian.pt

João Tabarra, *Alegro-Molto Lento*, 2008
Col. Fundação Ilídio Pinto